

PRÉ-PUBLICAÇÃO

Boaventura de Sousa Santos Poemas... no Brasil

Não há sociólogo português mais conhecido e tão prestigiado em múltiplos países, sobretudo no Brasil e na América, do que Boaventura de Sousa Santos. Figura de notória dimensão científica na área das Ciências Humanas, controverso e polémico por muitas teses que defende e sobretudo pelas suas posições políticas, a verdade é que a sua obra é imensa. Basta lembrar que é autor ou organizador de mais de 60 obras em várias línguas, algumas publicadas por importantes editoras internacionais, nomeadamente norte-americanas; que é ou foi coordenador de numerosos projetos de investigação, em vários continentes; e que em vários continentes tem ensinado, sendo designadamente prof. da Universidade de Wisconsin, nos EUA, onde aliás tem um doutoramento pela Universidade de Yale.

A sua raiz, porém, claro, é Portugal - e Coimbra. Aí se licenciou em Direito e é prof. catedrático (jubilado) da sua Faculdade de Economia, de que foi um dos fundadores. E, além de muito mais, também fundou e continua a ser director do importante Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, com mais de cem investigadores, doutorados, de diversos países, e uma ação que se desenvolve em múltiplas áreas e frentes. Ele próprio, por exemplo, dirige o projeto de investigação Alice - Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas: Definindo para a Europa um Novo Modo de Partilhar as Experiências e o Mundo (Pela mão de Alice é uma das suas obras mais reconhecidas) com um "financiamento internacional para a pesquisa científica de excelência" no valor de 2,4 milhões de euros, e que envolve a Índia, Moçambique, África do Sul, Equador, Brasil e Bolívia.

Mas a que vem tudo isto, aqui no Debate-Papo? Para lembrar que Boaventura também é poeta. Poemas seus aparecem já na Antologia de Poesia Universitária editada pela Portugalia em 1962, o ano da crise e greve académicas que marcaram a luta contra a ditadura, em 1966 publica o seu primeiro livro de poemas, O

rostro quotidiano, a que só 14 anos depois, em 1980, se segue o segundo, enquanto o 3º e o 4º virão a lume em 89 e 95 com a chancela da Afrontamento. E, em Portugal, só voltou a sair um livro de poemas seu em 2013, Pomada em Pó - Poemas Epigramáticos, porque concorreu, com pseudónimo, e venceu, o Concurso Nacional de Poesia da Junta de Freguesia de Fânzeres...

Só que, entretanto, quatro novos livros de poemas seus foram editados (só) no Brasil, entre 2004 e 2012. Um deles, Escrita INKZ - Anti-manifesto para uma arte incapaz, e outro, em 2010, Rap Global, de versos para rap e que foram cantados por rappers brasileiros. O livro teve repercussão e numa longa entrevista ao jornal O Globo, o sociólogo/poeta disse, referindo-se à figura que 'inventou' como o músico seu autor: "Escrito por um jovem de um bairro periférico de Lisboa, filho de um mulato angolano vindo para Portugal durante o processo de independência de Angola, este rap - que transgride o cânone letrista do rap - é um grito do Ipiranga de quem foi até os confins da mais louca e oculta modernidade ocidental para poder denunciá-la sem peso nem medida mas com conhecimento de causa e tonitroar aos cinco ventos (o quinto vem de dentro) que o rei e a rainha vão nus acolitados por uma legião de fariseus colonialistas, racistas, fascistas, rentistas, exploradores, violentos quase todos cidadãos honestos, filhos de boas famílias, com bons empregos, partidários dos bons partidos e defensores dos direitos humanos."

Pois agora, na primeira quinzena de novembro, em véspera de completar 75 anos, de Boaventura de Sousa Santos vai ser editado no Brasil o seu décimo livro de poemas: 139 epigramas para sentimentalizar pedras. Segundo a chancela que o lança, a Confraria do Vento, do Rio de Janeiro, "nele Boaventura grita contra a submissão do homem às grandes estruturas sociais económicas, dando às pedras, as únicas que 'pensam longamente', conselhos para que não sejam usadas para ferir, mas - que sejam libertas, que se sentimentalizem. Ou, ao menos, que não pensem em suicídio, como às vezes fazem os poetas."

O JL revela e antecipa alguns dos seus poemas



Boaventura de Sousa Santos

1.
tal como o banco de jardim
penso em público
tal como o banco de jardim
sento-me em mim próprio
tal como o banco de jardim
estou mais leve só
que acompanhado

18.
corri a cidade
à procura de um ouvido
não buscava um ouvido amigo que me
ouvisse

mas um ouvido que me substituísse por uns
segundos
na escuta do mundo
queria saber como é estar no mundo
sem o ouvir

92.
al berto, não te vi hoje no engate
como te chamais
e tu

invejo a tua estranha intimidade
com íntimos tão estranhos

116.
cento e dezasseis
naquele dia decidi
que só viveria amanhã
desde então
manteve-se fiel à decisão
morreu hoje
convencido que era amanhã

128.
Tenho vindo a diminuir de tamanho
dou passos menores

a roupa está demasiado larga
fico nu se me descuido nos movimentos

as emoções não chegam a incendiar
o riso é lento
o afeto é morno
o choro é liso
o luto é lasso

os fantasmas mesmo eretos
não têm fulgor
as ideias cabem em gavetas menores
e deixam-se arrumar sem protesto
a própria loucura senta-se
onde a mando sentar

não é cobardia é proporção
não é desistência é existência
não é escrúpulo é escala

vou-me preparar para dispor de menos
palavras
e terminar com um sílaba
não

137.
meto conversa com a minha conversa
para ela não ficar tão só

como as glicínias
olho para o chão intensamente

espero que as pedras se levantem
e caminhem